

**“ANTES DE SABER PARA ONDE VAI, É PRECISO SABER QUEM
VOCÊ É”¹: TECNOLOGIA GRIOT, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

**“BEFORE YOU KNOW WHERE YOU GO, I NEED TO KNOW WHO
YOU ARE”²: GRIOT TECHNOLOGY, PHILOSOPHY AND EDUCATION**

Renato Noguera²

Recebido em: 07/2019
Aprovado em: 09/2019

Resumo: Este artigo propõe uma abordagem filosófica sobre a atividade griot, enfatizando sua perspectiva educativa. A partir da frase tradicional, “antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é”, o texto apresenta panoramicamente o que é a condição griot. Em seguida, anuncia os dispositivos da tecnologia griot: agente, contação de histórias e o terreno.

Palavras-Chave: Griot; Educação; Filosofia.

Abstract: This article proposes a philosophical approach on activity's griot, emphasizing the educative perspective. From the traditional phrase, “Before you know where you are going, you need to know who you are”, the text gives a panoramic view of what is the griot condition. It then announces griot technology devices: agent, storytelling, and terrain

Key-words: Griot; Education; Philosophy

Introdução

O objetivo deste ensaio é problematizar alguns chavões sobre as pessoas chamadas de griôs e apontar, ainda que de modo preliminar, a consistência dessa atividade e suas relações com a educação. A palavra original “griot”³ tem sido usada para designar uma série de atividades e também de eventos ligados às culturas africanas. Não é raro encontra-la associada à contação de histórias. Sem dúvida, griot circunscreve uma série de experiências. Mas, partindo de diversos estudos, relatos e de uma formação pessoal (BERNAT, 2013; HALE, 2007; KOUYATÉ, 2006; KOUYATÉ, 2012; KOUYATÉ, 2013, NIANE, 1982; NIANE, 2010;

¹ O provérbio mandinga griot tradicional – dito por Toumani Kouyaté.

² Doutor em Filosofia, Professor da UFRRJ, renatonoguera@ymail.com

³ Aqui vou usar o termo griot ao invés do aportuguesado griô para fazer menção a uma palavra que, segundo alguns estudos, tem origem no Império de Gana como veremos adiante.

NOGUERA, 2016), incluindo alguns do meu acervo pessoal⁴, a experiência diz respeito a uma atividade exclusiva da África ocidental. Portanto, precisa ficar explícito que essa atividade não existe em todo continente africano. Ela é restrita a uma região africana. Em segundo lugar, a redução das atividades griots à contação de histórias é um tipo de miopia intelectual, uma reação própria de sistemas etnocêntricos que generalizam e estereotipam tudo que foge aos seus modelos.

Essas duas ressalvas são indispensáveis para o diálogo que o texto faz. Nós⁵ vamos situar panoramicamente o contexto histórico de emergência da classe griot e suas principais características num diálogo com seus aspectos políticos, filosóficos e culturais. O que será feito em três partes. Primeiro, uma breve apresentação do Império do Mali e dos estudos que apresentam os relatos mais antigos da “profissão” griot. Em seguida, uma incursão sobre a tradição griot propriamente dita. O que pode propiciar uma leitura especulativo-filosófica a respeito do legado griot para a educação brasileira.

Breve panorama do Império do Mali, o Reino Mandinga

África é um continente formado por 54 países e centenas de povos. Existem várias formas de abordá-la. Numa perspectiva geográfica podemos subdividir em: África setentrional, África ocidental, África central, África oriental e África meridional. Conforme mapa abaixo.

⁴O acervo vem de histórias da minha família materna. O meu avô Wilson Nunes (1921-1993) contou uma série de coleções de histórias pelo período de formação griot. Foram os 21 anos que convivi com meu avô, aprendendo narrativas tradicionais que o avô ensinou. Minha avó Elvira de Mello Nunes (1925-1984) fez a minha circuncisão, condição indispensável para exercer o direito estabelecido pela tradição griot. Diz a tradição que a autoridade da fala de um homem passa pela circuncisão, no caso das mulheres basta ser filha ou neta de um homem circuncidado dentro dos moldes estabelecidos pelos dobradores de palavras - forma como griots são conhecidos.

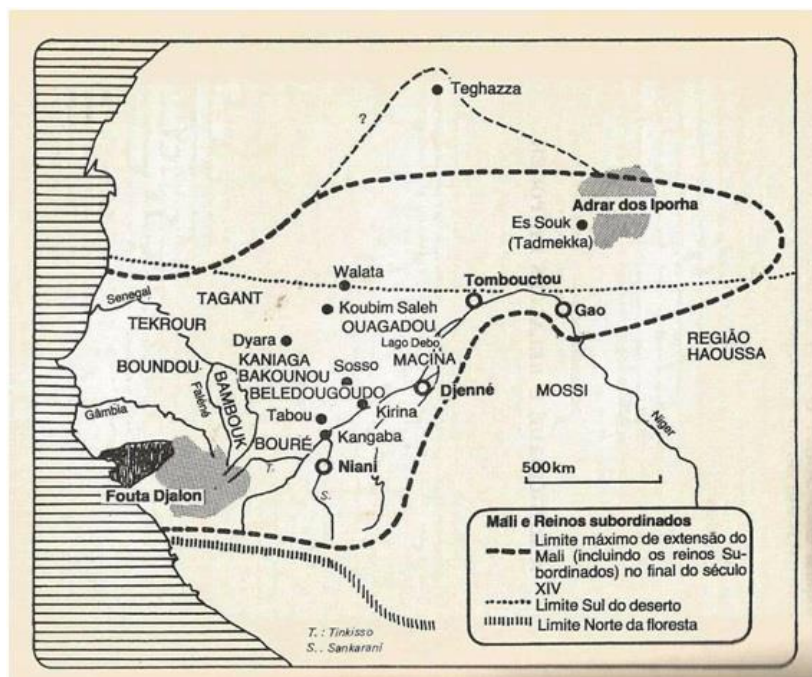
⁵ Eu falarei na primeira pessoa do plural porque minhas palavras estão apoiadas nos ensinamentos do meu avô materno, na minha vivência da circuncisão realizada pela minha avó materna, articuladas ao esforço por reunir documentos históricos que comprovassem as suas palavras de que éramos griots. A curiosidade levou-me para reunir registros de certidões de nascimento e buscar dados sobre a chegada de navios com seres humanos africanos sequestrados durante o século XVIII, esse esforço foi acrescido de testes de DNA da *Genographic Project* que está associada a National Geographic (organização que possui o maior banco de dados de DNA do mundo). Daí, com os testes de DNA e as informações coletadas em arquivos de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Salvador consegui retomar parte da minha origem.

Mapa 01: macrorregiões da África

Fonte

<https://blogdoenem.com.br/africa-divisao-territorial/>

O Império do Mali também chamado de Reino ou Império Mandinga foi onde a tradição griot foi reconhecida e registrada oficialmente, localizado na África ocidental onde atualmente encontramos 16 países: Mauritânia, Mali, Níger, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Libéria, Burkina Fasso, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin, Nigéria, São Tomé e Príncipe. De acordo com os estudos do historiador guinense Djibril Tamsir Niane (1982, 2010), a fundação do que chamamos de Império Mandinga envolveu uma série de eventos históricos. O povo Manden também chamado Mandeka, Mandingo ou Mandiga, compreende vários grupos e subgrupos “dispersos por toda a zona sudano-saheliana, do Atlântico até o maciço Air, com projeções bastante profundas nas florestas do Golfo do Benin” (DIANE, 2010, p.442). De acordo com Niane (2010), o Império Gana estava em seu apogeu no século XI três povos eram dominantes e habitavam a região, Soninke (fundadores de Gana), Baxanu e Kaniaga. Ao sul na região do Manden na Bacia do alto Níger entre Kangaba e Siguiri vivia o povo mandinga. Após sucessivos conflitos, mandingas resistiram e tomaram a região do Império de Gana e estabeleceram a região em que a tradição griot se estabeleceu.

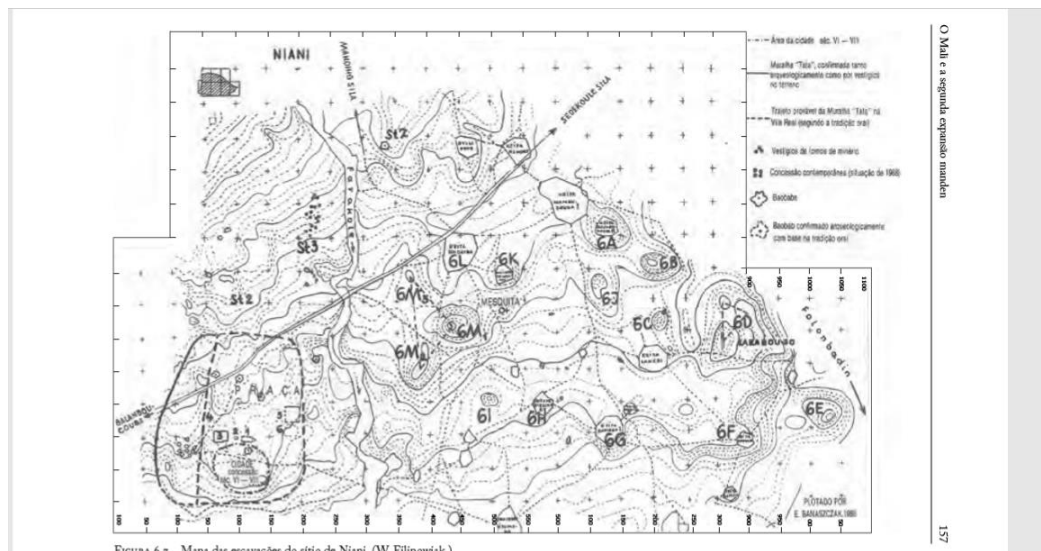
Mapa 02: Império do Mali no século XIV

FONTE: KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. Portugal, Publicações Europa-América, 1999, p.165 (Volume I).

O Império do Mali conheceu o fausto aclamado com o rei leão (Maridiata). “Segundo a tradição, dezesseis reis precederam Sundiata Keita no trono. O último havia sido Mamadi Kani, que pode ser datado do começo do século XII” (NIANE, 2010, p.444). A guerra que opôs o povo do Manden aos Sosoe durou de 1220 e 1235. Sundiata Keita chamado de rei leão imortalizou o nome Mali. A palavra “mali” na língua maninca significa hipopótamo. De acordo com as narrativas, a escolha por esse nome se deve ao poder do animal em conseguir manter-se vivo tanto na água como em terra. O hipopótamo foi a metáfora de que situava bem o reinado inaugurado por Keita. De acordo com Niane (2010, p.76, p.178), o mestre da geografia descritiva, o marroquino Ibn Battūta (1304-1377) registrou informações preciosas sobre a função griot, pessoas de famílias que tinham como tarefa dobrar as palavras para esculpir o mundo. De caráter hereditário, tudo indica que a atividade griot ganhou força sem igual com o reinado de Sundiata Keita. O que não significa que ela não existisse como veremos mais adiante. Porém, Keita ofereceu um lugar ainda mais destacado ao griot real, fazendo de Balla Fassake Kouyaté seu célebre porta-voz, o qual compôs músicas para imortalizar os feitos do rei. Os estudos historiográficos e mapas confirmam a existência de Keita, assim como a linhagem Kouyaté com seus versos.

Em Tigan, a nordeste de Niani, existe em território kamara um enorme monte de cinzas, conhecido como bundalin, sob o qual se encontrariam calçados, uma faca e um traje de guerra que teriam pertencido a Sundiata Keita. Também é conhecido o culto celebrado a cada sete anos em Kangaba, junto ao santuário chamado Kamablón, que conteria igualmente objetos pertencentes ao conquistador (NIANE, 2010, p. 156).

Mapa 03: região conquistada por Sundiata Keita e com artefatos culturais



Fonte: História geral da África, IV: África do século XII ao XVI / editado por DjibrilTamsirNiane. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 157.

Keita deu uma importância para as famílias encarregadas de garantir a memória e a tradição por razões diversas. Dentre as quais, a ideia de que só a memória revitalizada pode ligar o presente ao passado. Daí, a ausência de cantos, vozes ou histórias ser muito perigosa.

A tradição griot

Na África ocidental a educação se divide em ciclos de sete anos. No caso específico de griots e griottes essa periodização é rígida e tem razões espirituais além dos seus sentidos político-culturais. O número “sete” encerra um ciclo adequado do período básico para algo iniciar e ganhar aptidão necessária de cumprimento do propósito. Por exemplo, a semana possui sete dias. A criação e formação básica de uma pessoa dura 21 anos. Esse é o período que uma griotte e um griot precisam para se firmar e serem capazes de perfazer dois caminhos básicos (BERNAL, 2013, p.66). Tal como nos disse Toumani Kouyaté numa entrevista dada a TV Brasil e publicada na internet em 10 de maio de 2016. Kouyaté disse: “antes de saber nadar,

antes de saber subir numa árvore, antes de saber correr, é preciso saber quem você é” e “Se não sabe para onde vai, volta de onde veio”. De 21 até 42 anos, a formação se completa efetivamente, o ciclo do aprendizado está elaborado de uma maneira que torna pertinente para uma griotte e um griot poder usar a palavra em qualquer ocasião e diante de todas as pessoas, inclusive as mais velhas. De 42 a 63 anos é o momento para trabalhar efetivamente em prol da transmissão do que foi aprendido. Durante esses 21 anos é obrigatório desempenhar as funções griot com especial zelo e profundidade. É o momento mais frenético de transmissão pública. Após os 63 anos, a experiência pode ser usada para formar os mais jovens. Não se trata de uma aposentadoria; mas, o momento de cuidar de formar novas griottes e novos griots.

A história daquilo que chamaremos aqui de tradição griot. De acordo com Toumani Kouyaté (2010), as figuras griots (os homens da tradição de guardar e fazer circular memórias e palavras) e griottes (as mulheres da tradição de guardar e fazer circular memórias e palavras) remontam ao reinado de Salomão que foi aproximadamente de 970 a 930 anos antes Cristo. Sony Camara (1992) anuncia que o Ocidente tomou conhecimento da tradição griot no século XVII, os árabes conheciam desde o século XV. O historiador Djibril Tamsir Niane (1982, 2010) faz uma boa apresentação da ascensão de Soundjata Keita ao trono do Império Mandinga, tornando-se o rei leão. O ator branco brasileiro Isaac Bernat teve oportunidade de ser acolhido por um herdeiro da tradição e publicou algumas impressões em *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*. Porém, antes de adentrarmos na tradição griot é importante localizar o seu núcleo histórico, geográfico e filosófico. Onde ela se firmou, a sua historicidade e seus elementos filosóficos.

De acordo com estudos diversos estudos (BERNAT, 2013), a sociedade maninca era estratificada e formada por três castas e cada uma delas composta por clãs. A nobreza era a casta responsável pela autoridade política, a classe intermediária da sociedade era composta por artesãs e artesãos e por fim, a classe servil. Nós vamos nos ater à casta responsável pelo artesanato que na língua maninca se denomina *nàmàkálá*. Essa palavra circunscreve a força presente em todas as coisas. Como nos diz Hampâté Bâ, “cada função artesanal correspondia a um caminho iniciático específico” (BÂ, 2003, p.110). Na classe *nàmàkálá* – um conjunto de clãs – nós podemos falar de cinco grupos. A saber, as pessoas que dobram, tratam e criam com/através do: ferro (*mùmú*), do tecido (*maabo*), do couro (*káráté*), da madeira (*kùlé*) e da palavra (*djeli*). Esse quinto tipo de atividade artesanal é justamente aquilo que assumiu o nome “griot”. Toda pessoa *nàmàkálá* é formada para conhecer os detalhes do material com o qual trabalha. Por exemplo, um ferreiro precisa entender o ferro e compreender tudo que pode surgir

de sua arte de temperar sua matéria e maestria no uso do fogo para transformar metais. Existe “ferreiro de mina ou alto-forno, o ferreiro do ferro negro e o ferreiro de metais preciosos” (BERNAT, 2013, p.60). Da mesma maneira, uma tecelã cria e domina a arte de fiar. O mesmo se dá com as artes de transformar, cuidar e fazer surgir da madeira e do couro. No caso específico que nos interessa aqui, a tradição griot. A palavra djeli na língua manincaque quer dizer “sangue” é que representa a arte de esculpir o mundo com as palavras e, ao mesmo tempo, esculpir as palavras que colocam o mundo em movimento nas histórias. O sangue é a metáfora que define djelis. Afinal “tal como o sangue, eles circulam pelo corpo da sociedade, que podem curar ou deixar doente, conforme atenuem ou avivem os conflitos através das palavras e das canções” (BÂ, 1980, p. 204). A ideia da sociedade como um corpo dá a dimensão do papel importante dos griots e griottes como o sangue

Antes de prosseguirmos é muito pertinente perguntar, esses termos estão corretos? Toumani Kouyaté ensina língua que as palavras são respectivamente djeli e djeliba e guerouali. Conforme o Djéli do clã Kouyaté, as palavras griot e griottenão são nativas. “Esta palavra parece ter diversas origens, alguns dizem que vem do termo guirilô’, do francês, outros dizem que vem do termo ‘criado’, do português”(SANTOS, 2015, p.163). Thomas Hale elenca diversas hipóteses de origem; mas, conjectura que as palavras “griot” e “griotte” podem ter vindo do Império de Gana onde a palavra “guiriot” funcionaria como denominação de pessoas com muitas habilidades verbais e musicais (HALE, 2007, p.360). Hale aponta motivos para continuarmos a usar as palavras griot e griotte (feminino de griot). Com isso, ele estaria propondo o abandono dos termos locais e nativos usados em contextos diversos e específicos nas dezenas de culturas de países como Mali, Senegal e Burkina Faso dentre outros em idiomas como o wolof ou peul? Tudo indica mais uma estratégia política que remete à transcrição. Aqui optamos pela transcrição, isto é, vamos usar griot como conceito guarda-chuva que retrata uma complexa e viva tradição. O que não significa propor o abandono dos nomes específicos presentes nas mais variadas culturas da África ocidental onde a profissão permanece viva e atuante. Afinal, nós encontramos nomes específicos, tais como djeli na língua maninca, diele na língua bambara ou jeli no idioma fula. Mas, no contexto da diáspora africana e para fins de estabelecer uma terminologia internacional fazemos coro com algumas conjecturas. Partindo de considerações de Hale a diáspora africana e o alcance das palavras griot e griotte não podem ser desconsiderados quando o assunto é a relevância e potência da transcrição para consagração da função exercidas por esses clãs no continente e fora dele por seus descendentes. Ora como já dissemos, mas não custa repetir, isso ganha força quando ThomasHale conjectura

que a origem dos termos griot e griotte não provém de palavras ocidentais; mas, como advém de uma palavra do Império de Gana no século XI (Ibidem). Isaac Bernat (2013) e Toni Santos (2015) convergem com a tese de que não temos elementos conclusivos para dizer a origem da palavra “griot”. Contudo, Hale (2007) destaca dois motivos para continuarmos usando os termos griotte e griot: 1º) O termo está difundido na maioria dos países da diáspora africana com sentido positivo; 2º) O poder simbólico da expressão que reúne uma das profissões mais antigas e prestigiadas de toda África ocidental.

Partindo desses pressupostos, vamos alinhar uma hipótese combinada entre as considerações do célebre griot Toumani Kouyaté e de uma conjectura apresentada no livro *Griots and Griottes: Masters of words and music* de Hale. Kouyaté tem razão: griot e griotte são palavras estrangeiras. Hale traz uma perspectiva interessante, não é certo que griot derive de uma versão afrancesada da palavra “criado” em português. Nós aqui apostamos na possibilidade de que o Império de Gana que foi localizado na mesma região que o Império do Mali tomou posteriormente. Já dissemos antes, Império de Gana foi tomado e, sem dúvida, algumas incorporações linguísticas sempre ocorrem quando povos diversos entram em contato por períodos longos. Daí, nossa hipótese de que griot e griotte são expressões de origem africanas derivadas de um termo corrente no Império Gana. Dito isso, é preciso explicar que a expressão acabou por subsumir duas funções semelhantes; mas, distintas. Toumani Kouyaté ensina que no Império do Mali existiam dois tipos de griots, os djelis e os gueroualis. Por exemplo, “Balla Fassaké é um *griot* Kouyaté e estará fielmente presente em toda trajetória de Soundiata, que é um Keita” (BERNAT, 2013, p.58). As categorias djeli e guerouali mais tarde foram chamadas pelo mesmo nome, griot. No contexto específico do Império do Mali existiam algumas poucas famílias que eram djelis/jelis/dieleis; tais como os clãs familiares: Diabate, Niagassola, Djelibakoro, Keita, Fadama, dentre outras. No caso, dos gueroualis já eram as famílias agregadas que viviam com essas e assumiam as atividades desses clãs para grupos sociais que não eram nobres. Em resumo, djelis cuidavam das atividades “griot” para a nobreza e gueroualis faziam as mesmas funções para o povo.

No contexto maninca existia a família Kouyaté que foi nomeada oficialmente pelo rei Soundiata Keita. Assim como a família Dioubatê (mais tarde encontramos a grafia Diabaté) se tornou griot da família Traorê (BERNAT, 2013, p.57). Assim como a linhagem da família Sissoko também possuem uma história como djelis. Em toda África ocidental, as famílias responsáveis pela memória e uso da palavra para manter a tradição eram poucas. Niane (1960) explica que no Império do Mali cada família trabalhava com uma linhagem nobre que possuía

direito a assumir o trono, tais como os Kamara, Keita, Sidibé e Traorê. Durante o reinado de Soundiata Keita, a sociedade do Império do Mali se dividiu “em trinta clãs, sendo quatro *griots*” (BERNAT, 2013, p.58). Cada um desses clãs era responsável por cuidar de uma das famílias com direito a governar. Bala Fassake Kouyaté também ficou conhecido como Mamadou Kouyaté, odjeli de Soundiata Keita. As famílias nobres Kamara, Sidibé e Traorê tinham seus respectivos djelis.

De acordo com diversos estudos (BÂ, 1972, 1980; BERNAT, 2008, 2013; HALE, 2007; KOUYATÉ, 1995; KOUYATÉ, 2007)⁶ existem basicamente 10 funções que podem ser reunidas em três grupos. As funções são: genealogista, filósofo, historiador, contador de histórias, conselheiro, orador, diplomata, mediador de conflitos, intérprete de várias línguas, músico, compositor, cantor, ator, professor, repórter, supervisor, testemunha em muitas cerimônias que são distribuídas em três áreas: artes, política, e, ciências e filosofia. Por artes englobamos: a música e o teatro. No que diz respeito à política: as funções de embaixador(a), conselheira(o) de famílias nobres/gestão de conflitos, supervisão organizacional. Os campos das ciências e da filosofia circunscrevem atividades como história, filosofia, intérprete de línguas, repórter, ensino, psicologia e medicina.

Educação das relações étnico-raciais no Brasil

No Brasil, a educação é uma área que passou e, em certa medida, continua sendo alvo de diversas reformas. Cabe aqui um breve panorama de um longo período, os destaques específicos servem apenas para ressaltar os caminhos para elucidar alguns desafios já mencionados. Em 1930 no Governo Getúlio Vargas com o nome de Ministério da Educação e Saúde Pública, a instituição desenvolvia atividades pertinentes a vários ministérios como saúde, esporte, educação e meio ambiente. A educação como direito de todas as pessoas da sociedade brasileira surge com a constituição de 1934. Foi no ano de 1953 que surgiu efetivamente o Ministério da Educação e Cultura (MEC). O sistema educacional brasileiro passou por um processo de descentralização, dando autonomia para órgãos estaduais e municipais em 1961, ano de aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), após um debate que começou em 1948. Ou seja, foram precisos 13 anos de debate. No ano de 1968 ocorreu a reforma universitária que trouxe autonomia didática, científica, disciplinar e

⁶ Nas referências temos o Sotigui Kouyaté e seu filho Toumani Kouyaté.

administrativo-financeira às universidades.

A educação no Brasil, em 1971, se vê diante de uma nova LDB. O ensino passa a ser obrigatório dos sete aos 14 anos. O texto também prevê um currículo comum para o primeiro e segundo graus e uma parte diversificada em função das diferenças regionais.

Em 1985, é criado o Ministério da Cultura. Em 1992, uma lei federal transformou o MEC no Ministério da Educação e do Desporto e somente em 1995, a instituição passa a ser responsável apenas pela área da educação. Uma nova reforma na educação brasileira foi implantada em 1996. Trata-se da mais recente LDB, que trouxe diversas mudanças às leis anteriores, com a inclusão da educação infantil (creches e pré-escola).

A formação adequada dos profissionais da educação básica também foi priorizada com um capítulo específico para tratar do assunto (SILVA; CAMPELO; OLIVEIRA, 2014, p.25).

Já no século XXI, especificamente no início de 2003, o Governo Federal assinou a Lei 10.639/03 que tornou obrigatórios conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas disciplinas de Artes, História e Literatura. A demanda antiga de educadoras e educadores antirracistas, uma agenda do Movimento Negro para a educação brasileira, trabalhos de intelectuais negros e negros e uma conjuntura internacional favorável herdada da Conferência de Durban no ano de 2001. A *III Conferência Mundial de Combate ao racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata* produziu um documento denominado Declaração de Durban e Plano de Ação, o qual foi traduzido em língua portuguesa pela Fundação Cultural Palmares, Ministério da Cultura, servindo de base para várias ações posteriores. A partir de 2003, uma série de determinações legais ampliou o alcance disciplinar dos conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. No dia 10 de março de 2004, a fim de regulamentar a Lei 10.639/03, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer 003/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Em 2006 foram instituídas Orientações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Dois anos depois, um dispositivo complementar: o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e dos Povos Indígenas publicado pelo MEC/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR). Essas determinações legais tornaram obrigatório que toda a Educação Básica e os cursos de licenciatura do Ensino Superior tivessem parâmetros curriculares que contemplassem estruturalmente essa demanda para Educação das Relações Étnico-Raciais, ressaltando que a implementação passa pela “formação continuada presencial

e a distância de professores na temática da diversidade étnico-racial” (BRASIL, 2008, p.21).

Daí, se culturas afro-brasileira, africana e dos povos indígenas devem ser incorporadas ao *ethos* docente, participar do cotidiano escolar e universitário de modo articulado e estrutural. A presença de aspectos dessas culturas deve ocupar a formação e estar presente nas práticas educativas. Como diz um dos documentos.

Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004. (Resolução CNE/CP nº 01/2004)

Considerando todos esses elementos aventamos a hipótese de que a formação docente pode ganhar muito incorporando o que vamos denominar de tecnologias griot. As pessoas que integram o corpo docente de uma instituição de ensino não podem se transformar em griots e griottes. Porém, podem fazer uso de algumas técnicas da tradição nos contextos de aprendizagem.

Tecnologia griot e educação das relações étnico-raciais no Brasil

Depois de tópicos que contextualizaram a tradição griot e o cenário da demanda legal educacional brasileira, eis o momento da nossa contribuição propositiva. Para que leitoras e leitores não se percam no percurso, precisamos explicitar que nossa abordagem é afroperspectivista. Importante registrar que por afroperspectividade se deve entender uma abordagem dentro das grandes áreas de: Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Linguística, Letras e Artes. Uma linha filosófico-epistemológica que opera através da estratégia do manejo intelectual. Dito de outro modo, para realizar uma pesquisa ou investigação os terrenos teóricos são cultivados com diferentes tradições, escolas e linhas de pensamento; mas, sempre trazendo à luz as contribuições de sistemas teóricos africanos, afro-brasileiros, indígenas⁷ e ameríndios⁸. A afroperspectividade trabalha com vários sentidos de mundo, enfatizando sempre uma ou mais dessas tradições em seus contextos de pesquisa. Vale a pena

⁷ Por indígenas aqui entendemos cosmologias e teorias de alguns dos 305 povos originários que estão localizados no território brasileiro.

⁸ Por ameríndios aqui entendemos sistemas teóricos de povos originários da América Latina, usamos o termo para diferenciar dos povos originários localizados em território brasileiro.

reforçar o que entendemos por sentidos de mundo.

O termo “visão de mundo” que se usa no Ocidente para sintetizar a lógica cultural de uma sociedade, expressa adequadamente a prerrogativa ocidental da dimensão visual. Mas, teríamos um resultado eurocêntrico se utilizássemos essa expressão para nos referirmos aculturas que provavelmente dão prioridade para outros sentidos (...) ou uma combinação deles (OYEWUMI, 2017, p.39).

De acordo com a epistemóloga e socióloga nigeriana Oyeronke Oyewumi, no Ocidente os sistemas teóricos partem de visões de mundo. Mas, muitas culturas africanas, assim como afro-brasileiras, ameríndias e indígenas no território nacional, não operam apenas dentro de mapas conceituais videntes. Algumas cosmologias e teorias são particularmente ouvintes, enquanto outras se articulam dentro de um universo simbólico tátil prioritariamente, enquanto outras operam numa articulação sinestésica entre todos os sentidos. Por isso, quando o assunto é educação não podemos deixar de lado os sentidos de mundo griot, isto é, a visão, o olfato, o paladar, a audição e o tato de mundos que caracteriza o que todos os clãs griots possuem em comum. Uma das questões centrais dos cosmosentidos griots está na escuta, no uso da palavra. Em certo sentido, as pessoas griots e griottes não passam de artesãs da palavra, responsáveis por fazê-las circular num determinado circuito social como sangue oxigenado que alimenta e mantém uma sociedade num arranjo biocêntrico e vitalista.

A hipótese de fazer da educação um exercício de artesanato das palavras, ou ainda, um cuidadoso trabalho com a informação e o conhecimento significa que educar tem a finalidade de ajudar as pessoas a encontrarem os seus próprios caminhos dentro de uma caminhada coletiva. A hipótese afroperspectivista é de que podemos atender algumas prerrogativas e exigências decorrentes da obrigatoriedade da Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e dos Povos Indígenas propondo para professoras e professores a incorporação da tecnologia griot em suas atividades.

O que chamamos de tecnologia griot? A palavra tecnologia aqui remete simplesmente ao conjunto de técnicas ou dispositivos que caracterizam uma atividade. Em seu livro *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*, o dramaturgo branco brasileiro Isaac Bernat reforça o que aprendeu com um dos mais populares griots do mundo, o artista polivalente Sotigui Kouyaté. É sabido que uma mulher só pode ser griotte se nascer numa família herdeira da tradição, o mesmo se dá com um homem; afinal, um menino: ou nasce griot ou não pode ser tornar um griot. Não poderíamos propor que o corpo docente de uma escola se torne herdeiro de uma

tradição e as pessoas assumam papéis de griots e griottes. Contudo, é possível aprender um pouco dos modos de ser, agir e sentir da tradição e adaptá-las responsabilmente para algumas práticas educativas. O que seria tecnologia griot? Um conjunto de dispositivos. O primeiro deles está numa lição de um dos griots mais conhecidos do mundo, um herdeiro dos griots de Soundiata Keita, o grande Toumani Kouyaté. A sua lição é simples e dá o título deste artigo: “antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é”. Numa interpretação afroperspectivista voltado ao contexto educativo, isso quer dizer que o papel da educação deve ser o de contribuir para que estudantes se encontrem em suas caminhadas. Daí, antes de aprender algo sobre o mundo, será preciso descobrir sobre si mesmo. A sala de aula pode ser um território de convite para o autoconhecimento. Os porquês de estudarmos alguma coisa, o início da nossa história, a nossa família, a ancestralidade, nossas habilidades, os nossos sentimentos e tudo que nos percorre. Antes de estudar alguma coisa, devemos saber quem somos e o porquê de um assunto ao invés de outro. Ora, o agente deve ser necessariamente entendido como uma fragmentação de identidades em trânsito, isto é, com “identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas” (HALL, 2006, p.46). Tampouco como uma unidade substancial, isto é, “sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento” (HALL, 2006, p. 27). O sujeito aqui precisa ser compreendido por uma chave de leitura bastante peculiar. Por um lado, a coextensividade entre política e espiritualidade. Por outro, o sujeito é fruto de uma complexa rede interdependente na construção do seu safári existencial. Não se trata de estabelecer um centro, contudo também de descentrá-lo. Mas, de localizá-lo a partir de uma tese filosófica clássica nas escolas da África ocidental. De acordo com Sobonfu Somé (2007), o espírito é um conceito que circunscreve o que anima os seres vivos, uma força divina inexplicável denominada de Deus, Deusas e Deuses em diversas culturas ou similares. Mas, o que espírito quer dizer é algo mais simples ainda, a vida é uma dádiva inexplicável e todas as especulações humanas não explicam com exatidão e de modo contundente e universal os porquês de estarmos aqui, como chegamos e para onde iremos ao fim da existência. A partir do reconhecimento dessa dádiva inexplicável e milagrosa que é a experiência vital que devemos situar o sujeito, ou ainda, o agente. Em outros termos, o agente está vinculado ao espírito. O agir é colocar em movimento uma parcela do mistério de estarmos vivos. Sem dúvida, diversos autores ocidentais contribuíram para dissolução da ideia de um sujeito centrado, racional e da humanidade como centro do universo. O pensador austríaco Sigmund Freud apontou “três feridas narcísicas da humanidade” (FREUD, 1987, p. 171-174). Em referência ao mito grego de Narciso, em linhas gerais “narcisismo diz respeito à ação de uma pessoa lançar seu ‘desejo’

sobre si mesma” (NOGUERA, 2017, p. 52). Freud destaca três autores que golpearam o narcisismo da humanidade: Nicolau Copérnico, Charles Darwin e a si mesmo. A primeira ferida narcísica: teoria heliocêntrica de Copérnico retira o planeta Terra do centro do universo, um narcisismo profundo que situava o nosso planeta como centro de algo de proporções indefinidas e desconhecida. A segunda tem no nome de Charles Darwin os seus principais elementos. Darwin dissolve com sua teoria da evolução a tese de que a humanidade nasceu feita a imagem e semelhança de Deus para reinar como centro da natureza, Darwin coloca os humanos como animais dentre outros. O terceiro golpe no nosso narcisismo é feito por Freud, o inconsciente é um processo psíquico que define nossos pensamentos e desejos e isso escapa a nossa consciência.

O desamparo que esses três golpes produziram no narcisismo da humanidade, principalmente no contexto ocidental, teria sido profundo e ampliado a as incertezas sobre os rumos da espécie. Pois bem, em termos filosóficos e psicológicos oriundos de escolas de pensamento da África ocidental, especialmente as contribuições da pensadora burquinense Sobonfu Somé temos um aspecto fundamental na vida que é o mistério (de existir). Ela nos convida a assumir o mistério, as incertezas e buscar suporte numa dimensão comunitária, criticando a ênfase nos desejos egoístas e numa visão individualista e materialista do mundo. A pensadora frisa que precisamos explorar o conceito de “espírito” para lançarmos luzes sobre o fenômeno do agente. Somé diz que “o espírito nos ajuda a realizar o propósito de nossa vida e a manter nossa sanidade” (SOMÉ, 2008, p.25). No contexto das escolas da África ocidental, o agente é uma energia em busca de um propósito para estar de bem consigo, encontrar um percurso individual que faça sentido dentro de um contexto social, histórico, político e espiritual. É esse sujeito que antes de tudo a tecnologia griot nos convida a buscar. Ou seja, precisamos escutar a polifonia que nos constitui (BAKHTIN, 2008; BAKHTIN, 2009), assumindo que uma dimensão misteriosa da vida nos convida para o inesperado. O agente é um ser polifônico que escuta as vozes do espírito. Uma pessoa na condição griot é justamente aquela que por meio de espírito está consciente do seu propósito de narrar aventuras.

O segundo dispositivo é o lugar da contação de histórias – aqui entendida como ato de narrar uma aventura. Esta expressão muito preciosa para a tradição griot, “contação de histórias” tem um lugar de destaque porque significa o núcleo das atividades griots – seja a música, o teatro, a filosofia, a medicina, a gestão de conflitos, ou qualquer outra atividade do *hall*, todas são uma narrativa. No contexto da diáspora, a função do griot tomou esse lugar como seu sinônimo, tanto semântico como pragmático. Se nós retomarmos as tradições djeliba

(“griots” da nobreza) e gueroualis (“griots” do povo) – denominadas de griots – seus elementos mais distintivos e radicais podem ser resumidos num único enunciado: a existência humana é um fenômeno narrativo. Em outras palavras, viver é uma contação de histórias, uma maneira de ocupar o espaço e experimentar o tempo. Daí, a contação de histórias é uma maneira de dizer que o mundo passa invariavelmente pelas perspectivas com a qual o rerepresentamos constantemente, isso é o que reorganiza e situa os diversos sentidos que lastreiam nossos caminhos. Daí, porque somos sempre vidrados em histórias, em registrar acontecimentos, reinventá-los e registrar tramas por meios dos mais diversos, usando ferramentas e as plataformas mais diversas. Desde os tempos mais antigos, contamos histórias. Porque o conjunto de experiências políticas de um povo, as vivências de uma pessoa, ou ainda, acontecimentos do mundo natural são sempre fenômenos que podemos contar ou narrar. De alguma forma, a única maneira de apresentar algo para as pessoas é através de uma história. Talvez, seja neste sentido: considerar que todas as relações e acontecimentos são passíveis de se transformarem em histórias que fazem das almas de griots e griottes, o sangue que alimenta as partes de um corpo. Em certa medida, tudo passa pela contação de histórias. Esta aqui entendida como uma aventura que nos convida para algum tipo de construção. Essas histórias podem mobilizar as pessoas para construir muralhas ou pontes.

O terceiro dispositivo é um tipo de escolha por cenários nos quais as histórias e os agentes são colocados. De acordo com outro pensador da África Ocidental, o célebre Cheik Anta Diop, existem pelo menos dois grandes cenários ou terrenos das histórias. Diop fala de dois berços civilizatórios, um africano e outro euro-asiático. Berços meridional e setentrional, respectivamente. O primeiro sendo xenófilo, matriarcal, ou ainda, mesmo que seja patriarcal, mantém a matrifocalidade. Enquanto o segundo berço é xenófobo e exclusivamente patriarcal. O que produz algumas diferenças estruturais. “Em África – Egito e Etiópia incluídos –, a mulher usufrui de uma liberdade igual à do homem(...) Na Europa, na época clássica (Grécia e Roma), (...) a mulher (...) era assimilável a uma escrava (...) o marido possuía direito de vida e morte (DIOP, 2014, p.125). A partir dos resultados de uma longa e consistente pesquisa diopiana, o berço meridional africano é um território mais acolhedor, enquanto o berço setentrional euro-asiático é mais refratário aos estrangeiros e bélico em seu tratamento.

Numa interpretação afroperspectiva dos estudos diopianos podemos falar em dois terrenos básicos, dentro dos quais acontece uma quantidade indeterminada de combinações e arranjos. Os dois terrenos podem ser aqui denominados pelos tipos de imaginários que alicerçam as suas construções arquitetônicas, afroperspectivamente chamados de pontes e

muralhas. No primeiro caso, o reconhecimento da instabilidade inerente da vida que nos convida a assumir que nunca saberemos como as coisas terminam, as pontes são construções de um imaginário xenófilo, acolher o repertório estrangeiro para aprender novas maneiras de enfrentar problemas. O pressuposto é de que a criação de novos recursos é possível e que a união de ferramentas diversas pode melhorar a nossa relação com o mundo misterioso que nos cerca e os desafios cotidianos que nunca podemos prever completamente. No segundo: a confiança no estabelecimento da estabilidade por meio de uma batalha final. Xenofobia como modo de aumentar a segurança diante do estrangeiro e do estranho. Um dos pontos de partida é que os recursos para a sobrevivência são finitos e, somente, a tribo eleita pode herdar o reino farto de recursos. O que pode ser descrito como culturas de pontes e muralhas, respectivamente. As culturas de muralha são xenófobas e tendem a priorizar histórias que dividem o mundo entre *nós*— eleitos e bons —e *os outros*(profanos e infiéis). Aqui não vamos estabelecer contrapontos irremediáveis, legando o fausto para alguns e o nefasto para outros. Todos os povos tendem a produzir, tanto histórias de muralhas como de pontes. Mas, alguns fazem umas com mais frequências do que outras. Na cultura de pontes, *nós*, em algum momento, precisaremos dos *outros*. Por isso, Wilson Nunes⁹ dizia uma frase aprendida com o seu avô: “os barulhos da discussão da noite não devem amanhecer”. Isso resumiria a cultura em que as pontes são mais frequentes. As pessoas e grupos se desentendem; mas, precisam tornar a se entender. Porque não podemos transformar uma celeuma que nasce de uma circunstância numa eterna disputa. Isso destruiria todas as partes numa guerra sem fim. No entanto, não podemos negar a guerra, as divergências, o dissenso e disputas. Não se trata de um discurso pela paz perpétua, visto que essa proposta é motor da guerra. Contudo, precisamos assumir que a instabilidade da vida nos convida a procurar conflitos propositivos.

A tecnologia griot é formada pelos três dispositivos: 1º) Agente que enuncia e foi constituído através do espírito. 2º) O roteiro da aventura que constitui a narrativa – aqui entendida como contação de histórias. 3º) O terreno em que o agente enunciativo da narrativa está situado. O qual pode ser terreno feito com mais pontes do que muralhas ou o inverso. Daí, a tecnologia griot pode ser descrita filosoficamente como um dispositivo tríplice: agente (enunciador), aventura e terreno.

Num exercício intelectual afroperspectivista, as práticas educativas podem assumir a tecnologia griot à medida que aprender seja em função de converter a aventura dos saberes

⁹ Wilson Nunes não deixou textos, era meu avô e ensinou-me uma vasta coleção de histórias aprendidas com meu tataravô.

numa arquitetura em que as pontes superem as muralhas, cuidando para que os sujeitos vivenciem seus propósitos.

Conclusões parciais

De forma geral, os conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana podem ser implementados no contexto de usos da tecnologia griot aplicada à educação. Professoras e professores podem se aventurar por transformar seus saberes num exercício de promoção da vida. Dito isso, nós vamos concluir com uma pequena história.

Numa região da África ocidental existiam duas viúvas, cada uma tinha três crianças, uma de colo, outra que andava pouco e outra que já conseguia correr. Elas viviam de cultivar a terra. As duas plantavam inhame e viviam do seu comércio, seus maridos estavam numa expedição de longo tempo, uma caçada coletiva.

Certa vez, um casal chegou na aldeia, pediu água para apagar a sede. A primeira casa era a de Alika. Ela disse: minha água é pouca, busquem a de vocês.

O casal seguiu caminhando e bateu na porta de Aisha.

- Eu tenho pouca água, nós temos pouco de tudo, eu e minhas crianças nada temos abundante. Não é muito que posso oferecer; mas, podemos dividir – disse Aisha. Depois de ser consagrada com bênçãos da mulher, o homem pegou uma semente e deu de presente dizendo: “essa nobre semente é um presente”. Aisha aceitou. No dia seguinte, um pai com seu filho doente bateu à porta de Alika e pediu hospedagem por uma noite para ele e seu menino antes de seguir para encontrar um médico famoso na cidade próxima.

- Não tenho uma casa grande e suficiente para mim e minhas crianças. Não posso oferecer nada, saiam daqui! – falou Alika.

Pouco tempo depois, o homem com o menino no colo disse: - eu preciso só desta noite de sono, amanhã seguirei cedo com meu filho para falar com um médico do clã Kouyaté.

Aisha respondeu: - podem passar uma noite aqui comigo e as minhas crianças. Ela não dormiu durante a noite, porque o menino tinha febre e pediu que o pai descansasse. No dia seguinte, o homem deixou sementes para ela. Aisha e Alika plantavam inhame. Mas, uma griotte de passagem pela cidade disse que era preciso usar sementes diferentes, porque nenhuma terra suporta as mesmas raízes o todo tempo. Aishalembrou das sementes estrangeiras que tinha recebido. Ela limpou dois grandes pedaços de sua terra, deixando o inhame num deles e plantou

as outras sementes em outras duas áreas.

Alika: - você é louca mulher?!

Aisha: - posso dividir com você parte das sementes.

Alika: - não quero nada disso.

O tempo passou como sempre, devagar para alguns e apressado para outros. Mas, sempre com o ritmo próprio de fazer o dia entardecer e virar noite, pintando o céu de estrelas e em seguida borrando tudo com a luz do dia. As crianças das duas mulheres cresceram um pouco e agora todas andavam e corriam. Foi então que uma nuvem de isentos chegou e destruiu a plantação de inhame da família de Alika. Na terra cultivada de Aisha, os insetos não chegaram porque o odor das batatas os espantava. É importante dizer que Aisha tinha passado a plantar arroz e batata ao lado do inhame. Dois anos antes, ela tinha recebido sementes estrangeiras. Aisha presenteou Alika com mudas de arroz e batata. Alika: “por que você está fazendo isso?”. Aisha: “sua plantação está perto da minha. Se você cuidar da sua, a minha também estará bem”.

Essa história diz somente que precisamos plantar coisas diferentes para proteger a terra. Educar pode servir para que o conflito não seja evitado; mas, reconhecido como inerente e necessário à vida. A tecnologia griot é um modo de enfrentar o mistério da vida animando a existência como um fenômeno narrativo. No contexto da tecnologia griot aplicada à educação, aprender pode ser uma maneira de reinventarmos os nossos rumos.

Por isso tudo: “antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é”.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, Mikhail 2009. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Disponível em: letrasuspdownload.wordpress.com/2009/09/20/livropara-uma-filosofia-do-ato/ i . Acesso em: 12 Ago. 2018.

BERNAT, Isaac. **Encontros com o GriotSotiguiKouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Casa Civil da Presidência da República, Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm >. Acesso em: 01 de fev. de 2010

BRASIL. LEI Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996 (LDB). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Diário do Senado Federal, **Casa Civil da Presidência da República**, Brasília, DF, Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sf/publicacoes/diarios/>

df/sf/2007/06/28062007/21200.pdf > Acesso em: 19 de ago. 2018

BRASIL. PARECER N.º CNE/CP003/2004, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, Conselho Nacional de Educação, **Diário Oficial da União**, Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>> Acesso em: 26 de out.2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, 2008.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/> Acesso em: 26 de out.2018.

DIOP, Cheik Anta. **A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica.** Tradução Silvia Cunha Neto. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

FREUD, Sigmund. “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: **Obras completas psicológicas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol.14.

HALE, Thomas A. **Griotsand Griotes: Masters of words and music.** Bloomington: Indiana University Press, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006

KOUYATÉ, Hassane. “Por que contar histórias? O que contar? Como contar?” – **Boca do Céu**, 2012, 13, 14, 15 de setembro de 2012.

KOUYATÉ, Sotigui. **Entrevista concedida ao Encontro de Palhaços Anjos do Picadeiro 5.** Rio de Janeiro: 2006

KOUYATÉ, Toumani. “Djéliya- a arte prática da transmissão na tradição oral mandingue”. **Paço do Baobá**, 2013, 19 e 20 de outubro 2013.

KOUYATÉ, Toumani. “Conto, instrumento de educação, de formação e de transmissão Tema: o conto - o contador de história - a escolha de seus contos - o repertório - os instrumentos do narrador” - **Paço do Baobá**, de 20 a 24 de janeiro de 2014.

NIANE, Dijabrir T. “O Mali e a segunda expansão Manden”. In: _____. (Ed). **História Geral da África, IV: África do século XII ao XVI.** 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 133-192.

_____. **Sundjata ou A Epopéia Mandinga.** Trad. Oswaldo Biato. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Francizete Correia Amaro; CAMPELO, Maria Paula Silvestre; OLIVEIRA, Sidney Medeiros. “As leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e o Educador do Século XXI” In **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 8, n. 22 (2014), pp.23-32 .

SANTOS, Toni Edson. “Negros pingos nos “is”: djeli na África ocidental; griô como transcrição; e oralidade como um possível pilar da cena negra” In: **Urdimento**, v.1, n.24, p157-173, julho 2015

SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Tradução . São Paulo: Odysseus, 2007.